



RESENHA

A FELICIDADE OBSCENA: LITERATURA DE AUTORIA FEMININA NA AMAZÔNIA

Resenha do livro *A felicidade obscena*. Belo Horizonte: Letramento; Temporada, 2021.

SANTOS, Dayse Rodrigues dos.¹

A felicidade obscena (2021), da estreante autora paraense Amanda Brito, é uma coletânea de contos independentes sobre situações da contemporaneidade, tendo sido publicada em 2021 pela editora Letramento. Cores marcantes nas capas chamam a atenção dos leitores, pois conversam e brincam com ilustrações que mais tarde serão entendidas com elementos dos próprios contos. O título desta obra literária dá destaque para a palavra negrita obscena, antecipando e despertando a curiosidade. Além disso, a diagramação contempla letras grandes e bem espaçadas na página e títulos em caixa alta, não havendo vinhetas, ilustrações ou páginas coloridas em seu interior.

Para a elaboração desta resenha, foram adotados como referência teórica a análise literária proposta por Massaud Moisés, amplamente conhecida no meio acadêmico, como a observação dos elementos da narrativa - foco narrativo, espaço, tempo, enredo, clímax, personagens, entre outros². Também, um diálogo com os estudos sobre literatura e seus leitores na Amazônia, considerando os estudos de Márcio Souza acerca de suas características e rótulos que precisam ser desmistificados quanto à regionalização da produção artística, respeitando, certamente, os limites deste texto acadêmico.

¹ Mestra em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Goiás - Regional Catalão. Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará - IFPA/Santarém. Contato: dayse.rodrigues@ifpa.edu.br

² Recomenda-se a leitura do terceiro capítulo da obra *Análise literária* (1972), de Massaud Moisés.



Inicialmente, não foi verificada qualquer menção direta ao público-alvo na obra. Contudo, ao analisar o perfil das protagonistas, quase todas do gênero feminino, a abordagem dos temas, a descrição psicossocial das personagens, subentende-se que o público em potencial seria o feminino, mas sem grandes distinções de idade, região ou classe social. Ainda assim, a obra pode atrair outros públicos, uma vez que não se limita ao perfil leitor pretendido, proporcionando uma multiplicidade de possíveis leitores. Segundo o pesquisador Souza, em seu artigo *Literatura na Amazônia, ou Literatura Amazônica? (2014)*, “o fundamental é [que] os escritores da Amazônia conquistem os leitores da Amazônia, numa verdadeira integração literária, ou seja, que tenhamos uma literatura verdadeira, significativa e num permanente diálogo com o[s] seus leitores” (SOUZA, 2014, p. 30).

O autor contextualiza a origem da expressão literatura amazônica e como ela limita, regionaliza e exclui a produção literária feita por amazônidas ou editadas na região norte do Brasil. Para Souza (2014), o que faz a literatura é o compromisso com seus leitores, pois “o compromisso com o leitor é tão fundamental, que nem mesmo importa a questão da região ou a necessidade do escritor da Amazônia falar de sua própria região” (SOUZA, p. 30). Nesse sentido, ao resenhar uma obra com temas cujas experiências humanas se mostram tão variadas, desveladas por uma linguagem literária rica em metáforas e outras figuras de linguagem que contribuem para a construção de sentidos, pode-se entender o significativo diálogo com leitores contemporâneos.

Em seus quinze textos e 81 páginas, é possível acompanhar o desenvolvimento dos enredos, escritos com a mais cuidadosa atenção à linguagem poética e simples, dando fluidez às narrativas, como em “assim como as dores não são exclusividade de ninguém, nenhum sentimento é inédito” (BRITO, 2021, p. 13) e “A felicidade é esse brinquedo que só eu não tenho” (BRITO, 2021, p. 62). Os temas são universais e variam entre solidão, tédio, rotina, cotidiano, felicidade, tristeza, alegria, humor e ironia, o que demonstra diversas facetas do que pode ser entendido como felicidade obscena.

Nove contos são protagonizados por personagens nominais, como Edith, Raquel, Clara, Caco e Telma; em cinco, elas não têm nome; e em um, há um protagonista homem também sem nome. A opção por personagens centrais desprovidos de nome, considerado uma das características mais básicas para constituição da identidade, representa literariamente o apagamento social que pessoas que exercem tais funções sofrem em seu dia-a-dia, pois tratam-se de uma operadora de caixa, duas estudantes, uma moça que sequer dá indícios de sua profissão e um rapaz que entrega encomendas suspeitas. Ressalta-se a astúcia da autora na



elaboração desses personagens, pois há outros detalhes que dão verossimilhança e leveza sem subestimar a capacidade do leitor de compreendê-las.

Edith tem um emprego, pelo menos até hoje, alguns amigos que acumulou ao longo dos anos, uma família que quase nunca lhe pede dinheiro e um guarda-roupa abarrotado de peças das quais ela só usa a metade. Não se pode dizer que é infeliz, mas também não é alguém completamente conformada com o que tem, é uma insatisfeita resignada que adora falar bem da própria vida para tentar se convencer de que ela é realmente muito boa (BRITO, 2021, p. 72).

O cenário onde se desenvolvem os enredos são urbanos, variando de localidades brasileiras e ambientes sem marcação geográfica mais precisa. Os espaços situam, em muitos casos, as ações dos personagens, de modo a influenciá-los em suas atitudes, como o caso dos contos *O último ônibus*, em que a personagem enfrenta uma catarse junto à família e *Cardume*, em que o protagonista confronta sua identidade nortista com a nova vida no Rio de Janeiro. Nota-se o encadeamento das ações e descrição personagens em sequência temporal linear, sem grandes *flashbacks* ou interposição de tempos psicológicos.

O foco narrativo varia em primeira pessoa nos contos *O último ônibus*, *Cardume* e *Essa coisa* e em terceira pessoa nos demais capítulos. Em sua grande maioria, o discurso é direto, contemplando as interações das personagens e reforçando a ideia de tempo presente nas narrativas. O narrador onisciente permite que o leitor conheça os sentimentos dos personagens e é aí, muitas vezes, que se conhece as mais variadas concepções de felicidade. O único conto que condensa os dois focos narrativos para capturar o íntimo da personagem central no início, Luísa, com suas ações seguintes é *Ombro amigo*, o que acaba gerando certa ambiguidade na intenção narrativa deste conto.

Ainda com relação aos pontos de análise literária de Moisés (1972), verifica-se que a autora desenvolve os contos a deixar em cada clímax a indicação de uma felicidade fora dos padrões do senso comum, como em *A caixa de Telma*, no qual a protagonista de meia idade que aceita o cinza da sua vida e sua dor, e de Tatiana, a personagem principal do conto que intitula a obra, que depois de uma bebedeira se solta de forma provocativa “a única coisa que conseguiu entender naquela noite é que a felicidade é obscena” (BRITO, 2021, p. 71). Ainda, vê-se na aceitação da dor e dos problemas do cotidiano também uma forma de felicidade.

Por fim, esta promissora autora nascida no interior do Pará, Santarém, onde atua como servidora pública e estuda roteiro, escreve contos, tendo já participado de dossiê de escritoras no norte do país. No prefácio, escrito por Larissa Campos, lê-se que “a autora carrega em sua linguagem uma espécie de *déjà vu* literário” (p. 07), no qual o leitor poderá se identificar com os personagens e suas histórias. Para Campos (2021), as histórias são cativantes pois a autora demonstra facilidade em traduzir o não-dito em textos verossímeis. Dessa forma, vê-se a estreia de uma jovem escritora da Amazônia com temas contemporâneos e linguagem acessível.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRITO, Amanda. *A felicidade obscena*. Belo Horizonte: Letramento; Temporada, 2021.

MOISÉS, Massaud. *Guia prático de análise literária*. São Paulo: Cultrix, 1972.

SOUZA, Márcio. Literatura na Amazônia, ou Literatura Amazônica? In: *Revista Sentidos da Cultura* - Belém/Pará. V.1. N. 1. Jul-dez/2014, p. 25-30.